

Circus pygargus

Tartaranhão-caçador; Águia-caçadeira

Taxonomia:**Família:** *Accipitridae***Espécie:** *Circus pygargus* (Linnaeus 1758).**Código da Espécie :** A084**Estatuto de Conservação:****Global** (UICN 2004): LC (Pouco preocupante).**Nacional** (Cabral *et al.* 2005): EN (Em Perigo).**Espanha** (Madroño *et al.* 2004): VU (Vulnerável).**SPEC** (BirdLife International 2004): Não SPEC.**Protecção legal:**

- Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro - Anexo I
- Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna - Anexo II
- Decreto-Lei nº 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona - Anexo II
- Decreto-Lei nº 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro) ó Anexo II-A

Fenologia: Nidificante estival.**Distribuição:**

Global: A área de nidificação estende-se pelo Paleártico Ocidental, geralmente a Sul da latitude 60°N, desde a Península Ibérica ao Kasaquistão, registando-se a ocorrência de alguns casais nidificantes em zonas costeiras do nordeste africano. Inverna na África sub-sahariana, principalmente no Sudão, Etiópia e África do Leste e no sub-contidente indiano (Krogulec 1997).

A sua área de distribuição na Europa compreende a Alemanha, Andorra, Áustria, Bielorrússia, Bulgária, Croácia, Dinamarca, Eslováquia, Espanha, Estónia, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Itália, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Moldávia, Polónia, Portugal, Rússia, Reino Unido, República Checa, Suécia, Turquia e Ucrânia (BirdLife International/European Bird Census Council 2000).

Tem duas áreas de invernada: uma sub-saariana, ao longo do Sahel estendendo-se pela África Oriental até à África do Sul, outra no sub-contidente indiano e Sri Lanka.

Nacional: Segundo Onofre & Rufino (1995), o tartaranhão-caçador ocorre como nidificante em grande parte do território nacional, em particular na metade este do país, de norte a sul, acompanhando a distribuição dos terrenos abertos e das searas nas planícies do Alentejo e os planaltos serranos do centro-leste e norte. Segundo o Novo Atlas das Aves Nidificantes de Portugal está praticamente ausente de grande parte do oeste do país e com representação pouco significativa no Algarve (ICN em prep.).

fauna, aves

Tendência Populacional:

No nosso país o Tartaranhão-caçador apresenta declínio continuado (Cabral *et al.* em prep., ICN em prep). A ausência de um censo nacional desta espécie não permite avaliar a sua dinâmica populacional nos últimos anos. Contudo, conhecem-se declínios dramáticos do tartaranhão-caçador nalgumas zonas, nomeadamente em Campo Maior, onde a espécie sofreu uma forte redução, associada à intensificação da agricultura. Considera-se que a população se apresenta em declínio devido ao grande decréscimo da cerealicultura extensiva, habitat de que depende a larga maioria dos seus efectivos. Os casais nidificantes em Portugal representam cerca de 13% da população europeia (excluindo a Rússia).

Abundância:

A população nidificante em Portugal na década de 80, segundo Rufino *et al.* (1985), foi estimada em 1000-1300 casais, sendo posteriormente avaliada por Onofre & Rufino (1995) em 900-1200 casais, com base em censos realizados em algumas áreas e extrapolando para o território nacional os valores obtidos. Esta última estimativa mantém-se actual, não tendo entretanto surgido informações suficientes que permitam uma reformulação consistente.

Requisitos ecológicos:

Habitat: Utiliza solos secos ou húmidos (incluindo terrenos agrícolas), charnecas, dunas e turfeiras. Também se adapta a zonas arbustivas com *Ulex* e áreas plantadas com coníferas jovens, urzais e até campos de milho; em condições favoráveis tendem a reproduzir-se em zonas húmidas (Cramp & Simmons 1980).

Frequenta áreas predominantemente desarborizadas. Na região mediterrânica 90% dos casais nidificam no interior de searas mas em latitudes superiores são essencialmente escolhidas áreas de vegetação herbácea natural, matos baixos e plantações florestais recentes.

Em Portugal, segundo Franco *et al.* (1995), as maiores densidades encontram-se associadas às culturas cerealíferas a sul do Tejo, mas há casais que nidificam em dunas do litoral algarvio, sapais do estuário do Tejo e em matos e culturas de centeio dos planaltos serranos do Norte e Centro do país. Claro (2000) afirma, com base num estudo realizado em Évora, que a espécie prefere searas de trigo, aveia ou cevada em detrimento de pousios em geral sobrepastoreados. Os ninhos concentram-se também em áreas com maior proporção de searas e com maior comprimento de orlas (limites de parcelas e linhas de água), por constituírem locais preferências de obtenção de alimento (Claro 2000).

Fora da época de nidificação demonstra pouco interesse por zonas húmidas e pela vizinhança de lagos ou águas interiores (Cramp & Simmons 1980).

As presas, segundo Claro (2000), são capturadas predominantemente em searas e ao longo das orlas entre diferentes tipos de uso de solo ou ao longo de linhas de água com vegetação herbácea espontânea; não caça habitualmente em zonas abertas (Cramp & Simmons 1980).

Dorme de noite no solo. Na área de nidificação, até à postura, tanto o macho como a fêmea dormem separadamente no território; o macho pode no entanto dormir a 6-8 km do ninho, frequentando locais comuns de dormida com os não reprodutores. Quando o calor é muito, tanto o macho como a fêmea procuram abrigo em baixo de ramos de coníferas (Cramp & Simmons 1980).

Alimentação: O Tartaranhão-caçador captura essencialmente pequenas presas ó ortópteros, pequenos répteis, passeriformes, micromamíferos e pequenas crias de aves e mamíferos. Embora seja considerado um predador generalista, a sua dieta pode apresentar especificidade a nível local na selecção de presas. No Alentejo, Franco *et al.* afirma que, as presas dominantes são os ortópteros, aves e pequenos mamíferos.

Reprodução: Espécie semi-colonial, ainda que possa nidificar isoladamente em áreas com baixa densidade de casais. Normalmente monogâmicos, a relação é de duração sazonal. Nidifica no solo, sendo o ninho construído pela fêmea com material vegetal: caules de gramíneas, espigas e restolhos. As crias são nidícolas e somente a fêmea cuida e alimenta as crias (Cramp & Simmons 1980).

Ameaças:

A **actividade da ceifa**, segundo Claro (2000), para os casais nidificantes nos campos cerealíferos, constitui o principal factor de insucesso reprodutivo, não tanto pela destruição directa dos ninhos mas pelo facto de ao ser cortada a vegetação, estes tornarem-se mais vulneráveis à perturbação pelo homem e à predação natural. Quando a ceifa é efectuada durante a incubação, regista-se 90-100% de insucesso reprodutivo. O facto de os ninhos poderem estar agregados na mesma parcela agrícola com feno ou cereal, determina o incremento do risco de afectação pela actividade de ceifa.

A **intensificação da agricultura** através de monoculturas cerealíferas em detrimento de outros usos como leguminosas e pousios, resulta na redução do mosaico agrícola com decréscimo da diversidade de habitat e traduz-se em diminuição na disponibilidade alimentar e de locais importantes para a reprodução. Além disso a transformação do sequeiro em regadio afecta negativamente as espécies conduzindo a perda de diversidade de habitats resultante da supressão de rotação de culturas. A manutenção do equipamento de irrigação, conduz também a um aumento da perturbação das aves.

O **abandono agrícola** resulta em perda de habitat adequado para a nidificação e alimentação.

O aumento da **utilização de agro-químicos** intervém directa e indirectamente nas populações de aves, aumentando a mortalidade e reduzindo a capacidade reprodutiva e diminuindo as populações presa.

A **florestação das terras agrícolas** resulta na perda de habitat e induz o aumento das taxas de predação nas áreas adjacentes.

A **expansão de cultivos lenhosos**: a plantação de pomares, amendoais, vinha, olival resultam em perda de habitat adequado à alimentação e reprodução.

A **perturbação** provocada pelas actividades humanas, resultante da expansão urbana e construção dispersa e da actividade turística, desportiva e cinegética, influencia muito a escolha do habitat de nidificação por esta espécie, que evita áreas densamente povoadas. Causa stress nas aves, abandono de posturas e locais de descanso, vôos de fuga em condições desfavoráveis (com risco de danos associados) e uma redução do tempo dedicado pelas aves à alimentação.

O **abate ilegal** constitui um factor de mortalidade desta espécie. No inicio da época venatória em 15 de Agosto na Península Ibérica, existem registos de abate de indivíduos nidificantes em Portugal.

A **pilhagem e destruição de ninhos** tem sido apontada como um dos factores que intervêm na diminuição da produtividade das colónias de Tartaranhão-caçador, em algumas áreas de nidificação.

O aumento de **predadores de ovos e crias**, nomeadamente os cães assilvestrados pode influir no êxito reprodutor das espécies de aves que nidificam no solo.

A electrocussão e colisão em **linhas aéreas de transporte de energia** é um factor de mortalidade destas aves.

Os **parques eólicos** nas proximidades dos locais de nidificação da espécie está considerada como uma ameaça importante devido à perturbação provocada quer durante a fase de construção (ao nível da abertura de acessos e colocação de infraestruturas), quer durante a fase

fauna, *aves*

de exploração, dada a possibilidade de aumento da presença humana associada à abertura de acessos. Essas unidades de produção de energia eléctrica, dependendo da tipologia e localização dos aerogeradores podem ainda, durante a fase de exploração, constituir uma causa de mortalidade desta espécie devido à colisão nas pás dos aerogeradores. Os traçados eléctricos que estão associados aos parques eólicos constituem outro problema importante devido aos subsequentes riscos de colisão e electrocussão.

Objectivos de Conservação:

Manter/aumentar a população nidificante.

Conservar as zonas de nidificação e alimentação.

Orientações de Gestão:

- Atrasar a ceifa de forma a salvaguardar as crias e os ovos;
- Criar seguros de colheitas contemplando perda de rendimento por atraso de colheita;
- Promover cerealicultura extensiva com rotação de culturas, mantendo o mosaico agrícola, mediante a aplicação de medidas agro-ambientais e/ou indemnizações compensatórias em áreas estepárias prioritárias;
- Incrementar a sustentabilidade económica das áreas estepárias através da certificação de produtos provenientes de áreas óamigas da avifauna estepáriaö;
- Proibir ou condicionar a intensificação agrícola em áreas importantes para a espécie;
- Condicionar a edificação nas ZPEø importantes para a espécie;
- Ordenar a actividade turística dentro das ZPEø;
- Implementar normas de gestão cinegética nas áreas de habitat destas espécies em ACø (Áreas de Caça);
- Fiscalizar as actividades de abate e envenenamento;
- Fiscalizar e vigiar activamente as principais colónias na época de nidificação;
- Regular o uso de pesticidas e adoptar técnicas de pestes alternativas;
- Proibir a florestação e o cultivo de lenhosas nas áreas mais importantes para a conservação da espécie;
- Controlar as populações de cães assilvestrados em áreas onde se verifique predação;
- Condicionar a instalação de parques eólicos e de linhas eléctricas de transporte de energia nas áreas mais importantes para a espécie no nosso país;
- Equipar os parques eólicos e as linhas eléctricas de transporte de energia com sinalizadores anti-colisão e armações de apoios seguras para aves;
- Desenvolver estudos de monitorização do impacte dos aerogeradores a das linhas eléctricas de transporte de energia já existentes, tendo em conta a sua localização geográfica, a sua situação em termos de habitats e a sua tipologia de equipamento, de forma a conhecer o seu efeito na população nacional destas aves;
- Elaborar e implementar Planos de Gestão nas ZPEø com ocorrência da espécie (Moura-Mourão-Barrancos, Campo Maior, Castro Verde);
- Implementar o Plano Nacional de Acção para as Aves Estepárias;
- Estudar a dieta e a selecção de habitats de alimentação da Águia-caçadeira;
- Monitorizar anualmente as populações nidificantes de Tartaranhão-caçador-, nas áreas mais importantes (avaliação das tendências na distribuição e tamanho da população);
- Estabelecer uma estratégia conjunta Portugal/Espanha visando a conservação das aves dependentes da estepe cerealífera;
- Inventariar as zonas com características estepárias no Alentejo;
- Informar a comunidade rural e a população em geral sobre os valores naturais das áreas agrícolas extensivas de sequeiro e sobre as necessidades de conservação das espécies delas dependentes.

Outra informação relevante:

Esta espécie é contemplada no *Plano de acção para a conservação das aves dependentes da estepe cerealífera* (Almeida et al. 2003).

Bibliografia:

Almeida J, Cardoso A C, Claro JC, Cruz CM, Pinto M, Rocha P & Silva JP (2003). *Plano de acção para a conservação das aves dependentes da estepe cerealífera. 1ª fase: Abetarda, Sisão, Cortiçol-de-barriga-negra, Tartaranhão-caçador, Peneireiro, Grou*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa. Relatório interno.

BirdLife International / European Bird Census Council (2000). *European bird populations: estimates and trends*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

BirdLife International (2004). *Birds in Europe: Population Estimates, Trends and Conservation Status*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

Cabral MJ (coord.), Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L & Santos-Reis M (eds.) (2005). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Claro J (2000). *Ecologia da reprodução do tartaranhão-caçador Circus pygargus na região de Évora*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre. Universidade de Évora, Évora.

Costa H, Araújo A, Farinha JC, Poças MC & Machado AM (2000). *Nomes Portugueses das Aves do Paleártico Ocidental*. Assírio & Alvim, Lisboa.

Cramp S & Simmons KEL (eds.) (1980). *Handbook of the Birds of Europe, the Middle East and North Africa, (Hawks to Bustards)*, Vol. II. Oxford University Press, Oxford.

Franco A, Malico I, Martins H & Sarmiento N (1995). Estudo ecológico e comportamental do tartaranhão-caçador *Circus pygargus* na região do Barroso. *Alytes* 7: 519-537.

ICN (em prep). *Novo Atlas das Aves que Nidificam em Portugal*. Dados provisórios. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa. Não publicado.

Krogulec J (1997). *Circus pygargus* Montagu's Harrier. In: *The EBCC Atlas of European Birds: Their distribution and abundance*. Pp. 150-151. Hagemeyer EJM & Blair MJ (eds.). T & A D Poyser, London.

Madroño A, González C & Atienza J C (eds.) (2004). *Libro Rojo de las aves de España*. Dirección General de Conservación de la Naturaleza, Ministerio de Medio Ambiente / Sociedad Española de Ornitología / BirdLife, Madrid.

Onofre N (1992). *Bio-ecologia da Águia-caçadeira Circus pygargus (L.) numa área de agricultura cerealífera em Castro Verde. Dados preliminares*. Actas da 1ª Conferência Nacional sobre Aves de Rapina. Pp. 68-91. Vila Nova de Gaia.

Onofre N & Rufino R (1995). Situação actual da Águia-caçadeira *Circus pygargus* em Portugal. *Alytes* 7: 481-494.

fauna, *aves*

Rufino R (1989). *Atlas das Aves que nidificam em Portugal Continental*. Centro de Estudos de Migrações e Protecção de Aves, Serviço Nacional de Parques Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.

UICN (2004). *2004 IUCN Red List of Threatened Species*. <<http://www.redlist.org>> .